A CIRCULAÇÃO COMO INSTÂNCIA RECONFIGURADORA DO JORNALISMO MIDIATIZADO

THE CIRCULATION AS A RECONFIGURING INSTANCE OF MEDIATIZED JOURNALISM

Demétrio de Azeredo Soster[1]

Resumo: Observa-se, no artigo, como a instância circulação reconfigura o jornalismo midiatizado. Circulação aqui compreendida não apenas como lugar de passagem, ou mecanismo viabilizador de operações editoriais, mas como instância organizadora de uma nova "arquitetura comunicacional", nas palavras de Fausto Neto (2010). Por esta visada, a circulação não apenas afeta os vínculos entre produtores e receptores como sugere a existência de novos modos de interação entre instituições, mídias e atores sociais. As reflexões são ilustradas com a análise de dois eventos. O primeiro deles envolve protestos ocorridos a partir de junho de 2013 em todo o Brasil. O segundo, ocorrido em fevereiro de 2016, no litoral argentino, diz respeito a um golfinho morto na praia.

Palavras-Chave: Midiatização. Circulação. Jornalismo. Jornalismo midiatizado. Reconfiguração.

1. Pós-doutorando pela Unisinos, professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Letras e Departamento de Comunicação da Unisc. E-mail: deazeredososter@gmail.com.

Abstract: This study observes how circulation instance affects mediatized journalism. Circulation is comprehended here not as only a passage place, or enabler mechanism of publishing operations, but as organized instance of a new "communicational architecture", words by Fausto Neto (2010). By this bias, circulation does not only affect the bond between producers and receptors as it suggests the existence of new interaction methods among institutions, media and social actors. The reflections are illustrated by an analysis of two events. The first of them involves protests that occurred from June 2013 throughout Brazil. The second one is about a dead dolphin body found on the beach in February 2016.

Keywords: Midiatization. Circulation. Journalism. Mediatized Journalism. Reconfiguration.

1 Circulação como instância organizadora

Quando a tarefa é refletir sobre as processualidades do jornalismo, os olhares voltam-se usualmente para o que ocorre entre a percepção dos acontecimentos, sua apropriação pelos jornalistas, a produção de conteúdo editorial, e, finalmente, a decorrente recepção/reconhecimento da matéria jornalística por parte de quem acessa os veículos. Ou seja, em direção aos longos e complexos caminhos por meio dos quais os acontecimentos sociais se transformam em relatos de natureza jornalística, à revelia de gêneros, formatos e suportes, até alcançar os leitores/ouvintes.

Pouco, ou quase nada, no entanto, tem-se refletido em torno da circulação de informações jornalísticas. Circulação aqui compreendida não apenas como lugar de passagem, ou mecanismo viabilizador de operações editoriais, mas como instância organizadora de uma nova "arquitetura comunicacional", nas palavras de Fausto Neto (2010). Por esta visada, ela não apenas afeta os vínculos entre produtores e receptores como sugere a existência de "(...) novos modos de interação entre instituições, mídias e atores sociais" (Fausto Neto, 2010, p. 2). Insere-se, portanto, como base explicativa

do jornalismo midiatizado, ou seja, aquele que é afetado pela processualidade da midiatização, midiatizando-se (Soster, 2009).

É dizer, por outras palavras, que pouco se sabe sobre o que ocorre entre o momento em que os dispositivos, após longos e complexos processos de enunciação, realizam, por meio de seus relatos, ofertas de sentido, e estas chegam às pessoas que com eles dialogam. É bem verdade que pesquisadores como Machado (2008) e Zago (2012), para ficarmos em dois, procuraram compreender a circulação na perspectiva do ciberjornalismo. E, nesta busca, refletiram sobre os modelos tradicionais de circulação a título de revisão bibliográfica. Mas, não houve muitas tentativas além dessas.

Isso tanto em relação a) à distribuição física de exemplares, observando especificamente os impressos – "(...) a circulação é uma das áreas menos tratadas pela literatura especializada, com prejuízos para a compreensão do jornalismo como um complexo de sistemas integrados (apuração, produção, circulação e financiamento)" (Machado, 2008, p. 21) –, como b) a visadas segundo as quais a circulação de informações é pensada antes como espaço gerador de potencialidades, no diálogo com Fausto Neto (2013), Ferreira (2013) e Braga (2012), que lugar de passagem por meio do qual os dispositivos dialogam.

Trata-se de ausências significativas, em especial se considerarmos que a circulação emerge, como sugerido acima, como categoria explicativa do processo de midiatização do jornalismo. O gráfico abaixo procura ilustrar o que se está afirmando.

Nele, por meio de complexos processos de enunciação, os dispositivos jornalísticos realizam ofertas de sentido a quem com eles dialogam, relacionalmente. Quando emissão e recepção se "encontram", instaura-se uma espécie de "zona de contato", ou seja, uma área de processualidade complexa, indeterminada, de fluxo informacional contínuo, não previsível, circunscrita, no gráfico, pelas linhas pontilhadas. Nela, por usa vez, as "(...) intenções de origem perdem força, pois estão entregues a outras dinâmicas que fazem com que a produção e a recepção não possam mais controlá-las, bem

como os efeitos que presumem estabelecer sobre os discursos" (Fausto Neto, 2010, p. 9).

Esta "zona de contato" está em constante movimento e é permeável a injunções externas dos atores sociais, que podem se localizar tanto em outros sistemas como no ambiente em que os sistemas se encontram (Soster, 2016, 2015, 2015-a). É dizer, por outras palavras, que podem ser tanto pessoas que, por exemplo, tendo um celular, capturam imagens e as disponibilizam nas redes sociais, como especialistas de outras áreas que se valem de lógicas midiáticas para se manifestar. Ao se colocarem como sujeitos enunciadores, interferem em toda uma ecologia comunicativa assentada, historicamente, em modelos de oferta/procura de informações, reconfigurando lugares secularmente instituídos.

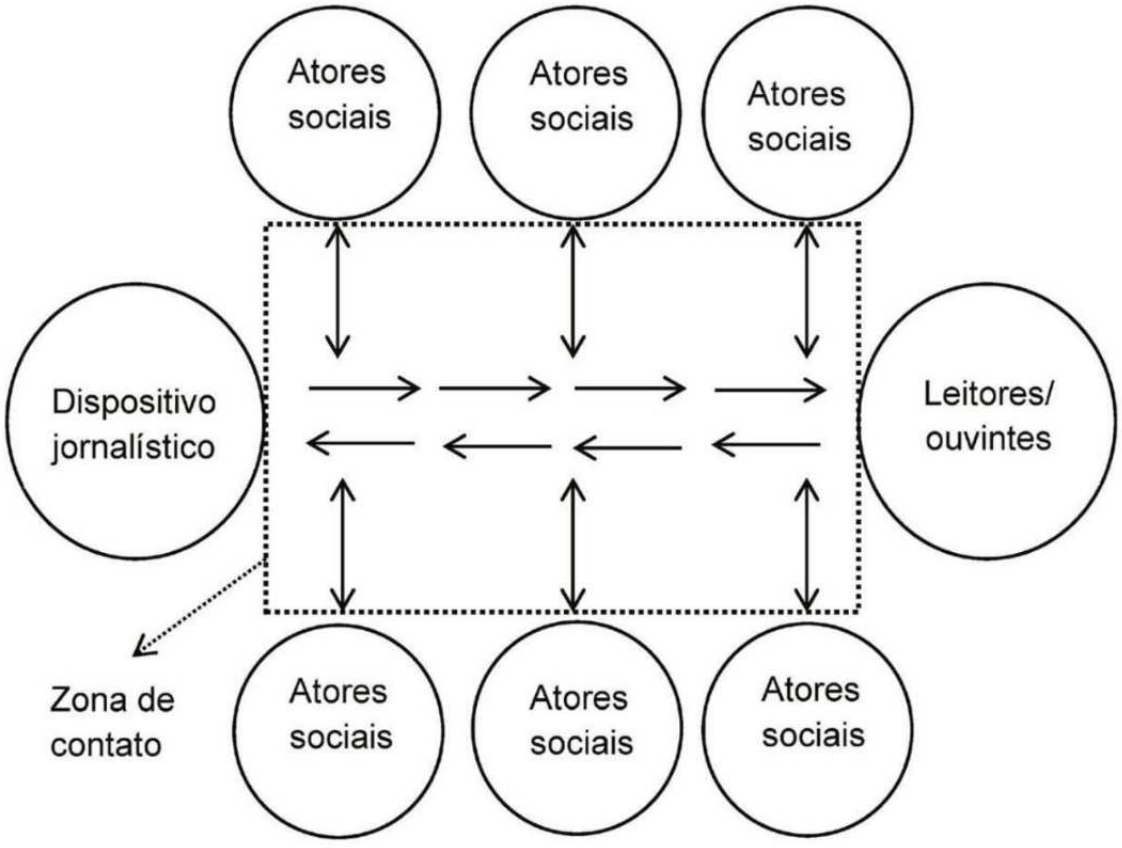

Figura 1: Circulação como zona de contato.
Fonte: Elaboração do autor.

É possível exemplificar, de forma sucinta, o gráfico acima com dois eventos: o primeiro deles, envolvendo protestos ocorridos a partir de junho de 2013, inicialmente em São Paulo, e depois em todo o Brasil. Quanto ao segundo, ocorri-

do no início do mês de fevereiro de 2016, no litoral argentino, diz respeito a um golfinho morto na praia. Cada um a seu modo, e resguardadas as peculiaridades, os dois acontecimentos foram reconfigurados em suas mais diversas instâncias pelo que ocorreu durante o processo de circulação das informações. Em ambos os casos, a atenção dos veículos de comunicação foi despertada por algo de pouco usual que ocorria na sociedade – os protestos nas ruas e um animal em extinção que teria sido morto por banhistas ávidos por uma fotografia. Mas, a partir do momento em que o acontecimento se transformou em notícia, e esta foi oferecida à sociedade, a circulação gradativamente interferiu em sua forma.

Segundo retrospectiva veiculada no site do Jornal do Brasil (Figura 2), o movimento se iniciou como uma manifestação em São Paulo contra os reajustes nos preços das passagens dos ônibus, metrô e trens, que passaram de R$ 3,00 para R$ 3,20. Logo, mobilizou o país inteiro (Figura 3) e teve ampla cobertura midiática.



Figura 2: Retrospectiva JB
Fonte: Jornal do Brasil[2]

2. Disponível em: http://www.jb.com.br/retrospectiva-2013/noticias/2013/12/17/retrospectiva-manifestacoes-de-junho-agitaram-todo-o-pais/ Acesso em 5 de outubro de 2016.



Figura 3: Ruas são tomadas por milhares de manifestantes
Fonte: G1[3]

Inicialmente, os jornais, televisões, rádios e demais veículos de comunicação se limitaram a divulgar os acontecimentos de forma referencial, ou seja, realizando a cobertura do evento. À medida que as manifestações ganhavam proporções maiores e, portanto, tornavam-se mais complexas, a maneira como os dispositivos referenciavam os eventos começou a ser tensionada pelo que ocorria nas ruas. É o que se verificou, por exemplo, quando, diante das notícias e editoriais criticando as manifestações, os manifestantes começaram a se voltar contra a própria cobertura, depredando carros de veículos de comunicação e hostilizando os seus repórteres.

A reação imediata da imprensa que, até então, fora hostil aos protestos, em particular no que tinham de violentos, foi relativizar as manifestações de violência. Passou a atribuir as mesmas, agora, "a minorias", e classificando os eventos como "pacíficos". É o que demonstra da Figura 4, do G1.

3. Disponível em: http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-reunem-mais-de-250-mil-pessoas.html/ Acesso em 5 de outubro de 2016



Figura 4: Protestos pacíficos, apesar dos vândalos
Fonte: G1[4].

Nessa direção caminha, por exemplo, matéria veiculada no site do Portal da Imprensa[5]. O texto atribui a violência à forma como os protestos foram inicialmente tratados:

> O documento indica que no início dos protestos de junho, os grandes veículos de comunicação fizeram uma cobertura, em sua maioria, negativa, que destacava apenas aspectos prejudiciais como os atos de vandalismo. De acordo com a ONG, a Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, por exemplo, publicaram editoriais que chamavam os manifestantes de baderneiros e vândalos, além de pedir maior atuação da polícia militar, o que influenciou a massificação dos atos. (2013, on-line).

4. Disponível em: http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/06/milhares-fazem-protesto-pacifico-mas-vandalos-depredam-em-bh.html Acesso em 5 de outubro de 2016.

5. Disponível em: http://www.portalimprensa.com.br/noticias/brasil/66218/relatorio+da+artigo+19+aponta+117+violacoes+contra+jornalistas+durante+protestos Acesso em 5 de outiubro de 2016.

Por meio deste exemplo, podemos observar o que está descrito no Gráfico 1. Algo ocorrido no âmbito da circulação não apenas interferiu nos processos de emissão e recepção, mudando tanto a forma como os eventos eram enunciados, a maneira como foram compreendidos, como trouxe novos atores à processualidade da informação. É caso da Mídia Ninja, cujo trabalho passou a ter mais relevância a partir dos acontecimentos referidos, como sugere a matéria do site DW (Figura 5):



NOTÍCIAS / BRASIL

BRASIL

Ascensão da Mídia Ninja põe em questão imprensa tradicional no Brasil

Alcance do grupo alternativo de comunicação explodiu com os protestos de junho. Entusiastas aplaudem proximidade dos ativistas com acontecimentos, mas analistas ponderam necessidade de contextualizar informação.

A cada duas horas, em média, o grupo Mídia Ninja posta uma nova foto, link ou relato em sua conta no Facebook. Continuamente, o site PósTV (www.postv.org) transmite vídeos ao vivo e sem cortes de debates e protestos. Atualmente concentradas em atos contra os governadores do Rio, Sérgio Cabral, e

Data 01.08.2013

Autoria Renato Krieger

Assuntos relacionados Brasil, Protestos no Brasil, Hong Kong

Palavras-chave Mídia Ninja, protestos Brasil, corrupção, jornalismo, oligopólio, monopólio, grupo de mídia, regulação, regulamentação, Constituição

Compartilhar Facebook, Twitter, google+, Mais

Envie seu comentário!

Imprimir, Imprimir a página

Link permanente

PÁGINA INICIAL

António Guterres é indicado para ser secretário-geral da ONU

GALERIAS DE FOTOS

Oktoberfest 2016:

Figura 5: Novos atores na cobertura midiática
Fonte: Site DW.[6]

2 Um golfinho na praia

Um outro exemplo, mais recente, e de menores proporções, mas representativo, ocorrido no verão de 2016 no litoral argentino, ilustra igualmente o que estamos dizendo. A 16 de fevereiro, o site de notícias argentino Infozona veiculou notícia[7] dando conta que um golfinho morrera na praia de

6. Disponível em: http://www.dw.com/pt-br/ascens%C3%A3o-da-m%C3%ADdia-ninja-p%C3%B5e-em-quest%C3%A3o-imprensa-tradicional-no-brasil/a-16989948 Acesso em 5 de outubro de 2016.

7. Disponível em: http://www.infozona.com.ar/santa-teresita-sacan-del-mar-delfin-para-sacarse-fotos-con-el-y-muere/ Acesso em: 11 de junho de 2016

Santa Terezita, litoral argentino, depois que turistas, segundo o relato, o retiraram do mar para fazer *selfies* com o animal.

O texto, de caráter opinativo, informava que a avidez dos banhistas fora determinante para a morte do mamífero e que o caso viera à tona depois que um turista não apenas registrou como disponibilizou as imagens do golfinho morto na internet por meio de redes sociais. Na tela, em destaque, a foto principal mostrava dezenas de pessoas segurando acima de suas cabeças o golfinho; seguida, ao pé da página, de quatro fotos menores e uma sexta foto, onde o corpo do cetáceo era retratado morto, sobre a areia. Ao seu lado, a mão de alguém segurando um celular.



Santa Teresita: Sacan del mar delfín para sacarle fotos y muere

Sacan del mar a delfín bebé (franciscana) para "tocarlo", sacarse fotos con él y tras pasar varios minutos fuera del agua muere.

Ocurrió en Santa Teresita, cuando un turista sacó al mamífero para tocarlo y fotografiarlo.

Comparte este artículo para concientizar a la gente que los animales marinos NO SE AGARRAN! Y SE TIENEN QUE DEVOLVER AL MAR!

Figura 6: Golfinho aparece na praia
Fonte: Infozona[8]

8. Disponível em: http://www.infozona.com.ar/santa-teresita-sacan-del-mar-delfin-para-sacarse-fotos-con-el-y-muere/ Acesso em: 11 de junho de 2016

Uma vez na rede, a notícia chamou a atenção dos demais dispositivos do sistema jornalístico e de outros sistemas, como os ligados ao terceiro setor, por meio de entidades vinculadas à preservação da natureza. É o caso da Função Vida Silvestre Argentina, que, a 16 de fevereiro, lançara relato[9] em seu site lamentando o ocorrido e recomendando cuidado para com as espécies em extinção. Observe-se que, apesar de não ter um caráter "jornalístico", o site valeu-se de lógicas operacionais comunicacionais, portanto midiatizadas, ampliando, desta forma, a zona de contato neste momento em processo de formação.

No dia seguinte, 17 de fevereiro de 2016, o assunto viraliza[10] e começa a ser divulgado em site e redes sociais, inclusive de outros países, caso dos jornais brasileiros Correio Braziliense[11], de Brasília, e Extra, do Rio de Janeiro (Figuras 7 e 8). Mas, também, em emissoras de televisão, programas de rádio e veículos impressos. No caso do relato feito pelo site do Correio Braziliense, por exemplo, é informado que o animal "(...) foi encontrado desidratado próximo ao litoral".

O título do Extra, por sua vez, afirma categoricamente que o golfinho morreu após ser retirado da água pelos banhistas, como se observa nas imagens abaixo.

9. Disponível em: http://www.vidasilvestre.org.ar/sala_redaccion/?14420/Delfines-franciscanas-cada-uno-cuenta Acesso em 11 de julho de 2016

10. Ou seja, repercute, circula sem controle pela internet. Para saber mais: https://pt.wikipedia.org/wiki/Marketing_viral

11. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2016/02/17/interna_mundo,518290/golfinho-morreem-praia-argentina-e-turistas-se-juntam-para-tirar-self.shtml Acesso em 11 de julho de 2016



Golfinho morre em praia argentina e turistas se juntam para tirar selfies

Após toda a "festa" com o animal, ele foi abandonado na areia

Facebook Google+ Twitter

Uma foto que circula pelas redes sociais mostra uma cena chocante que ocorreu na praia de Santa Teresita, na Argentina. Um multidão está em volta de um homem que segura um filhote de golfinho morto. Segundo o jornal *Daily Mail*, o mamífero, que era carregado como se fosse um troféu, foi encontrado desidratado próximo ao litoral.

Dezenas de pessoas, então, se aglomeraram para tocar o animal e tirar fotos com ele. Após toda a "festa" com o golfinho, ele foi abandonado na areia. O caso foi denunciado pela Fundação da Vida Selvagem da Argentina. Em um comunicado, eles disseram que essa espécie pode viver até 20 anos, mas é muito vulnerável.

Figura 7: repercussão no Brasil
Fonte: Correio Brasiliense[12].



Filhote de golfinho morre em praia argentina ao ser retirado do mar para selfies com turistas

18 comentários

Comentários Encerrados

Não consigo entender o ser humano...MEU DEUS!!! Como pode!? O pior predador da face da terra!!! Em vez de evoluir cada vez piora mais!? Que tristeza!!! Gente ruim, não pensam no sofrimento do...

Eu vi o video. O golfinho tava vivo e nadando qdo um argentino tirou ele da agua. Se vc tira um peixe ou golfinho da agua, ele morre. Video triste. Tive muita pena d golfinho. Mataram ele p tirar...

Não acreditam em tudo que postam na internet,nem sempre é a realidade dos fatos

Leia mais

Após 5 anos sumidos das Cagarras, golfinhos voltam a ser vistos

Extra

Imagens registradas por um turista mostram o momento em que um filhote de golfinho é retirado do mar de Santa Teresita, na Argentina, para algumas selfies com alguns frequentadores da praia.

Com uma pele frágil que não permite que o animal passe muito tempo longe da água, o golfinho superaqueceu e morreu. E mais: seu corpo, após perder a "utilidade", foi deixado pelos turistas ali mesmo, na areia.

Figura 8: Morte na praia.
Fonte: Jornal Extra[13].

12. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2016/02/17/interna_mundo,518290/golfinho-morreem-praia-argentina-e-turistas-se-juntam-para-tirar-self.shtml Acesso em 11 de julho de 2016

13. http://extra.globo.com/noticias/mundo/filhote-de-golfinho-morre-em-praia-argentina-ao-ser-retirado-do-mar-para-selfies-com-turistas-18696278.html

Os exemplos nos permitem observar que, no fluxo da informação, a participação de agentes "não midiáticos" – banhistas que encontram um golfinho, por exemplo – por meio de dispositivos como smartphones e redes sociais, interfere tanto no curso dos acontecimentos como na forma com que estes são referenciados pelos veículos de comunicação em seus processos de enunciação. É o que se verifica a partir do dia 17, quando a possibilidade de o golfinho ter chegado à praia vivo é aventada pela primeira vez. Isso ocorre a partir de um vídeo[14] produzido por um banhista e veiculado no site do jornal Clarín, um dos mais importantes da Argentina.

Observe-se que o título se refere ao "aparecimento" do vídeo, sugerindo, em uma interpretação livre, que ele chegou à redação por meio de algum agente externo ao dispositivo. A dúvida quanto ao fato de o golfinho estar vivo ou não emerge na segunda linha do texto de apoio ao título: "Porém, não está claro se o cetáceo estava vivo ou morto antes de o retirarem da água[15]".



Apareció el video del delfín que murió en la playa de Santa Teresita

Sigue la polémica Un turista registró el momento en que un hombre saca el animal del mar. Todavía no está claro si el cetáceo estaba vivo o muerto antes de que lo extrajeran del agua.

En Santa Teresita hubo polémica porque investigan si murió porque lo sacaron del agua.

Figura 9: O golfinho estava morto ou vivo?
Fonte: Clarin[16]

14. Disponível em: http://www.clarin.com/sociedad/Aparecio-delfin-murio-Santa-Teresita_0_1525047838.html Acesso em 11 de julho de 2016

15. Tradução do autor.

16. Disponível em: http://www.clarin.com/sociedad/Aparecio-delfin-murio-Santa-Teresita_0_1525047838.html Acesso em 11 de julho de 2016

Deste ponto em diante, a hipótese de o animal ter chegado à praia efetivamente morto, contrariando a informação inicial, não apenas é assumida pelos relatos jornalísticos como ganha força a partir do testemunho do homem que o retirou do mar, o banhista Hernán Coria, que o faz em entrevista[17] à tevê argentina "Telefe".

O relato traz consigo duas informações importantes: que um segundo turista havia feito a mesma revelação (sobre a morte do animal) por meio do facebook e que o fato ficava claro em um vídeo publicado no youtube e veiculado na matéria no corpo da matéria. Ao acessá-lo, no entanto, somos informados que o mesmo não está mais disponível: "'Turista agarra delfin bebe ...' Este vídeo não está mais disponível devido à reivindicação de direitos autorais CARLOS JAVIER SOLIS. Desculpe."



Figura 10: Vídeo bloqueado
Fonte: Youtube[18]

É nesta "zona de contato" – no Gráfico 1 delimitada pelo quadrado central pontilhado – que a circulação se estabelece como instância reconfiguradora da atividade jornalística. A hipótese é que as ofertas de sentido que decorrem dos processos de enunciação dos dispositivos são fortemente permeadas por injunções as mais diversas, de natureza sócio-técnico-discursivas, que não apenas se interpõem no espaço de diálogo pretendido entre dispositivos e públicos-

17. Disponível em: http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?noticia=turista-diz-que-golfinho-ja-estava-morto-ao-ser-vitima-de-selfies-video-mostra-confusao&edt=25&id=415856 Acesso em 11 de julho de 2016

18. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RlQFaVVYyG4 Acesso em 15 de julho de 2016.

-alvo como são capazes de reconfigurar, como dito, tanto os polos de emissão e recepção como a atividade jornalística como um todo.

3 O que a circulação representa ao jornalismo

A circulação midiática, na perspectiva que estamos tratando aqui, opera igualmente como um dispositivo; portanto, nem meio e nem mensagem:

> É um lugar de inscrição que se transforma em operador de novas condições de produção e de recepção, e, ao mesmo tempo, passagem e meio. Nesse duplo movimento observa-se um deslocamento/reescalonamento, instalando novas lógicas de classificação em contextos interacionais em que está inserido. (Ferreira, 2013, p. 147).

Compreender a circulação dessa forma implica admitir que estamos diante da necessidade de novas gramáticas interpretativas, à medida que os cenários de análises são antes assimétricos que simétricos. Onde a linearidade dá lugar à heterogeneidade e dissolve-se, entre outras, as noções de equilíbrio e causalidade.

> Os intervalos, enquanto regra naturalizada, devem ser lidos como complexa processualidade, enfeixando relações sobe as quais não se detém o controle de suas dinâmicas. A própria existência, trajetos e efeitos dos vínculos que reúnem produção e recepção, resultam do "aparelho circulatório", enquanto efeito de suas próprias disposições, na medida em que é este último quem define e impulsiona sobre quais condições se fundem as operações de sentidos. (...) no lugar da passagem automática – da produção à recepção, conforme pleiteava a "teoria das intenções" – emerge uma nova zona. Nasce

> das franjas das fronteiras (Fausto Neto, 2010, p. 9).

É nessa direção que caminha igualmente Braga (2012), quando salienta que pensar a circulação implica reconhecê-la tanto como espaço de possibilidades, como de investigação.

> Nessas circunstâncias, já não é tão fácil distinguir "pontos iniciais" e "pontos de chegada", produção e recepção como instâncias separadas. O que, aliás, nos faz perceber que tal construção decorre mais de uma condição histórica específica (a fase de implantação dos meios de massa) do que uma pretendida "natureza do processo interacional – que, pela própria etimologia da palavra, enfatiza antes a indistinção dos papeis que uma especialização por "estrutura". Ou seja, o exercício de diferentes ações, as assimetrias e supressões, devem ser relacionadas antes a cada tipo de interação, assim como seus contextos significativos; e não uma pretendida lógica interacional no interagir. (Braga, 2012, p. 40).

Observe-se que as perspectivas não são excludentes. Ou seja, compreender a circulação jornalística antes como uma zona em que gramáticas são reconfiguradas do que como percursos que se complexificam, como estamos propondo a partir de Fausto (2010), Braga (2012) e Ferreira (2013), implica considerar, na visada, as questões espaciais, ligadas ao fluxo de informações. Tem a ver, portanto, com o caminho percorrido pela informação e com as apropriações que se verificam ao longo do percurso, mas, principalmente, com a compreensão de que se trata, a circulação, de uma instância em que processos de enunciação, portanto de sentidos, têm lugar.

> Semelhanças e dessemelhanças operam no escopo do sentido. Este último, por sua vez, não se restringe ao campo semântico nem se con-

> funde com a verdade que o conhecimento científico busca estabelecer. O sentido é uma marca de limites ou se um possível, do qual não se sai. Apresenta-se como a força ou o trabalho que permite o movimento dinâmico dentro de um sistema, tanto para produzir significação como para exterminá-la. Por ser um limite insuperável, é algo que se autoengendra: ele é a sua própria condição, sem pré-requisito formais para a sua existência. (...) O sentido está presente em qualquer lugar em que se deem diferenças, só que ele não é a diferença, mas a sua condição de possibilidade. (Sodré, 2014, p. 271).

Se isso ocorre; se as enunciações provocam diferenças e as diferenças, sentidos; é porque se trata, como já se disse, de um lugar marcado por relações de natureza complexas; não lineares. É o que se observa quando atores sociais são capazes não apenas de interferir na forma de funcionamento do sistema jornalístico, sem estarem "autorizados" para tal, como se integrar a este e tomar para si responsabilidades que até há pouco eram exclusivas de dispositivos jornalísticos, alterando o fluxo dos acontecimentos.

Isso ocorreu, por exemplo, quando alguém disponibilizou, pela primeira vez, na internet, fotos e vídeo do golfinho sendo retirado da água por banhistas ávidos por fazer *selfies* com o animal. Não se trata apenas de uma mudança na forma como as informações circulam no sistema, haja vista que se trata de uma oferta de sentido feita por alguém que tomou para si o papel de emissor, sem estar legitimado, do ponto de vista institucional, para isso.

Tem-se, aqui, um movimento em que um elemento (a tecnologia) é intercalado entre o sujeito e a ação que realiza, mas também, uma mudança na forma como a sociedade dialoga com ela mesma, de natureza midiatizada (Braga, 2012). É desta perspectiva que são analisados os acontecimentos.

> Ainda que os processos interacionais mais longamente estabelecidos – da ordem da oralidade presencial e da escrita em suas múltiplas formas

> – continuem a definir padrões de comunicação, e lógicas inferenciais, que organizam a sociedade e suas tentativas, tais processos, em sua generalidade, se deslocam para modos mais complexos, envolvendo a diversidade crescente da midiatização – o que é bem mais amplo e diversificado do que referir simplesmente o uso dos meios (Braga, 2012, p. 35).

Observe-se que a emergência de novos atores no processo de circulação de informações retirou dos dispositivos jornalísticos, em decorrência do que foi afirmado, o protagonismo das ofertas de sentido. Não quer dizer que eles deixam de ter capacidade de enunciação, mas que passam a dividir espaço com outras instâncias enunciativas.

É afirmar, por outras palavras, que estes, por mais de uma vez, tiveram de mudar o rumo de sua cobertura a partir da interferência, no fluxo de informações, de atores e não de dispositivos, caso dos sites noticiosos. Isso ocorreu, por exemplo, quando, depois de a notícia original estar circulando, alguém "corrige os repórteres" dizendo que o golfinho estava morto quando foi resgatado pelos banhistas.

Não será alongada esta análise, haja vista os constrangimentos espaciais. Mas deve-se observar, a título de encerramento, que a passagem entre o acontecimento e sua midiatização; e, desta, para a decorrente reconfiguração da narrativa, se dá pelo viés da produção discursiva, como apontou seminalmente Fausto Neto (2013). Ou seja, pela interferência da circulação na linguagem.

> (...) a linguagem possibilitaria, por sua especificidade, pelo menos duas operações: a primeira trata-se da exteriorização do dizível em forma, na condição de textos presos a lógicas e gramáticas. E a segunda, que se constitui numa operação que se dá em um âmbito de determinado processo circulatório, quando põe em marcha a atividade significante da qual emergem as regras através das quais a linguagem se transforma em atividade geradora de discursividade. (Fausto Neto, 2013, p. 50).

Encerra-se dizendo que, a partir da a) exteriorização do dizível, mas, também, b) da geração de discursividade, tem-se condições, então, de pensar os processos de enunciação. Esse pensamento segue na perspectiva, quem sabe, da narratividade, o que implica considerar, na análise, o papel do observador nesta processualidade, desafio que convoca às próximas reflexões.

Referências

BERGSON, H. *A evolução criadora.* São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BERTALANFFY, L. *Teoria geral dos sistemas.* Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. *In:* J. JANOTTI JÚNIOR *at al. Mediatização & midiatização.* Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.

FAUSTO NETO, A. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? *In:* J. L. BRAGA *et al.* (Org.) *Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação.* 1. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013. **v. 1**. 43 p.

_____. As bordas da circulação. *In: Mediatización, sociedade y sentido: diálogos entre Brasil e Argentina.* Coloquio del Proyecto "Mediatización, sociedade y sentido: aproximaciones comparativas de modelos brasileños y argentinos. 2010. Universidad Nacional de Rosario, Argentina. Anais... Departamento de Ciencias de la Comunicaón. 2010.

FERREIRA, J. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? In: BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A.; GOMES, P. G. (Org.). *Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação.* 1. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013**. v. 1**. 182 p.

LUHMANN, N. *Introdução à teoria dos sistemas.* Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MACHADO, E. Sistemas de circulação no ciberjornalismo. *Eco-Pós*, Rio de Janeiro, **v. 11**, n. 2, p. 21-37, 2008.

MARCONDES FILHO, C. *O principio da razão durante: o conceito de comunicação e a epistemología metapórica.* Nova teoría da comunicação III – Tomo V. São Paulo: Paulus, 2010.

MOUILLAUD, M. O jornal da forma ao sentido, Brasília (DF): Paralelo 15, 1997.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. *Dicionário de comunicação.* São Paulo: Editora Ática, 1995.

SODRÉ, M. *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOSTER, D. A. *A literatura, o sistema midiático e a emergência do quarto narrador.* Signo (UNISC. Online), **v. 1**, p. 154-161, 2016.

_____. O sistema como quarto narrador do jornalismo. In: A. C. R. P. TEMER; M. SANTOS (Org.). *Fronteiras híbridas do jornalismo.* 1. ed. Curitiba: Appris, 2015, **v. 3**, p. 161-176.

_____. O quarto narrador, a morte da editora e a midiatização das narrativas. *In:* 13º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Jornalismo, Campo Grande, Mato Grosso do Sul. *Anais*... 2015.

_____. *O jornalismo em novos territórios conceituais: internet, midiatização e a reconfiguração dos sentidos midiáticos.* São Leopoldo: Unisinos, 2009. Tese (Doutorado em Comunicação), Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2009.

ZAGO, G. S. *Circulação jornalística potencializada: o twitter como espaço para filtro e comentário de notícias por interagentes*. C&S – São Bernardo do Campo, v. 34, n. 1, p. 249-271, jul./dez. 2012.